

O DIA DA
MORTE DE
DENTON
LITTLE



LANCE RUBIN







O DIA DA
MORTE DE
DENTON
LITTLE

LANCE RUBIN

*Tradução
Glenda D'Oliveira*



Copyright © 2015 by Lance Rubin

TÍTULO ORIGINAL
Denton Little's Deathdate

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Rayana Faria
Breno Barreto

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Diana Cordeiro

ARTE DE CAPA
Angela Carlino

IMAGEM DE CAPA E MIOLO
Walter B. McKenzie

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R834d

Rubin, Lance
O dia da morte de Denton Little / Lance Rubin ; tradução
Glenda D'Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
336 p. ; 21 cm. (Denton Little ; 1)

Tradução de: Denton Little's deathdate
ISBN 978-85-8057-960-4

1. Ficção infantojuvenil americana. I. D'Oliveira, Glenda. II. Título.
III. Série.

16-32995

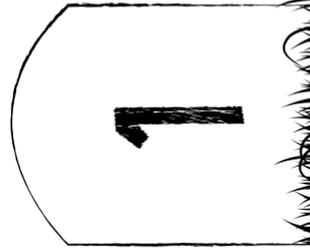
CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para mamãe e papai,
que me ensinaram que rir
de coisas sérias não é um problema,
e
para Katie,
que me faz rolar de tanto rir de tudo
o tempo todo*



ACHO QUE ESTA NÃO É a minha cama.

Não dá para ter muita certeza, já que estou com uma dor de cabeça excruciante, mas há algo nessa cama que não me é muito familiar. É macia demais.

Que decepção. Eu tinha uma ideia muito clara de como o dia do meu funeral começaria, e envolvia acordar na minha própria cama. Eu bocejaria e me espreguiçaria de um jeito exagerado, como se fosse um personagem de revista em quadrinhos, e sentiria o cheirinho do bacon vindo do andar de baixo. *Tem bacon aqui!*, gritaria minha madrastra.

Mas em vez disso estou tateando a cabeça para me certificar de que não há nenhuma faca enfiada nela enquanto escuto a voz de uma mulher que não é minha madrastra falar sobre algo que não é bacon.

— Nada, por enquanto — afirma a mulher, do corredor. — Sei que é importante, pode deixar.

Ai. Há algo cutucando minhas costas. Possivelmente meu velho e fiel companheiro dinossauro, Broncazul. Talvez esta *seja* minha cama, afinal!

Não. É um coala rosa.

Nunca tive um coala rosa.

— Bom, estou fazendo tudo o que posso — continua ela.

É claro. É a mãe do Paolo. Estou na casa dele.

Devagar, tento me sentar, e, enquanto o cômodo gira lentamente, olho ao redor. Um pôster da Sociedade Nacional do Sarcasmo chama minha atenção. COMO SE PRECISÁSSEMOS DO SEU APOIO, está escrito abaixo da logo.

Este não é o quarto do Paolo.

É um quarto em que já estive aproximadamente três vezes, da irmã mais-velha-só-que-nem-tanto do Paolo, Veronica. Então é isso: acabo de acordar no dia do meu funeral na cama da irmã do meu melhor amigo. Isso jamais fez parte do plano.

— Denton... Você está acordado? — diz a dona da casa, do lado de fora.

Eu me deito na cama novamente e puxo o lençol para cobrir a cabeça. Ela não pareceu se importar com o fato de eu estar no quarto da filha, mas, por via das dúvidas, me escondo.

— Não, ele ainda está apagado — continua ela, enquanto se afasta da porta.

Descubro a cabeça e noto um band-aid no indicador direito. Não faço ideia do que pode ter acontecido. Devo ter machucado o dedo.

Ao menos minha capacidade de raciocínio está a todo vapor.

Tenho que fazer alguma coisa. Eu me viro na cama e afundo o rosto no travesseiro, sendo imediatamente invadido por uma explosão de fragrância feminina. O aroma — um amálgama misterioso de sabonete, pêssego e... hortelã? — viaja por minhas cavidades nasais e acerta em cheio meu cérebro.

Espera aí.

Veronica surge na minha mente, com o rosto muito perto do meu. “É só porque estou com pena de você.”

Estou começando a me lembrar. Fiquei com a irmã do meu melhor amigo na cama da irmã do meu melhor amigo ontem à noite. Isso é incrivelmente excitante.

Mas espera um segundo aí. Eu tenho namorada. E minha namorada não é a Veronica.

Levanto o lençol. A camisa xadrez está desabotoada. Ótimo, ainda estou de calça. Mas, pelado ou não, trai minha namorada, Taryn. De quem gosto muito. Uma lembrança súbita me vem à cabeça: “Você é muito legal, incrível e engraçado, mas acho que não dá mais.”

Espera aí.

Será que minha namorada me deu um pé na bunda ontem? Levo as mãos ao rosto e balanço a cabeça para a frente e para trás, torcendo para que isso faça a dor diminuir e me permita organizar os pensamentos.

É, ela me deu mesmo um pé na bunda.

Fiquei com Veronica e levei um fora da Taryn ontem à noite. Com sorte, não nessa ordem.

Minha cabeça está latejando. Sinto gosto de areia na boca.

— Não seja *ridículo* — ouço a mãe do Paolo dizer em um tom ríspido. — Ele vai acabar estragando tudo.

A intensidade com que ela diz aquilo me deixa sóbrio, mas a sensação logo se dissipa.

É melhor eu ir embora. Vou rolando para o outro lado da cama. Um cheiro de fruta podre atinge meu nariz e me faz vomitar. Bem no travesseiro da Veronica.

Ai, não. Em meio a lágrimas de vômito, vejo uma garrafa quase vazia de vodca sabor pêssego jogada no chão, perto da cama. Que nojo.

Ouçó um zumbido assustador sob as cobertas e dou um pulo, encolhendo as pernas e pressionando meu corpo contra as finas colunas de metal da cabeceira da cama. Aproximadamente dois segundos depois, me dou conta de que o zumbido vinha do meu celular, não de algum tipo de inseto hostil.

Sou um cara tranquilo e muito viril.

Ei, já acordou?, diz a mensagem do Paolo.

Já. Está no seu quarto?, respondo, perguntando-me se meu amigo estaria escrevendo do cômodo do outro lado do corredor. Enquanto aguardo a resposta, empurro o travesseiro vomitado para o chão, onde ele cai em meio a um pequeno povoado de sacolas e caixas, restos do primeiro ano de faculdade da Veronica. Ela acabou de voltar para casa.

Haha não, a gente tem aula hoje, cara, responde Paolo. *Bom, você, não haha.*

Certo. Claro que não.

Porque meu funeral é hoje, às duas da tarde.

Pela primeira vez desde que abri os olhos, não estou pensando no que estou fazendo neste lugar, no que aconteceu na noite anterior ou em quando a britadeira no meu cérebro vai ser desligada.

Estou pensando no seguinte: *Amanhã é o dia da minha morte.*

NÃO QUERO FAZER DRAMA. BOM, na verdade até quero, porque acho engraçado e deixa as pessoas desconfortáveis, e gosto disso, mas no fundo não é tão dramático quanto parece.

Desde que nasci as pessoas sabem que amanhã é o dia em que vou morrer. Mas praticamente todo mundo sabe o dia de sua morte, tudo graças ao grupo de médicos, cientistas, estatísticos e astrólogos liderado pelo vencedor do Prêmio Nobel, citado em todos-os-livros-de-ciência-que-já-existiram, Herman Mortensky, que foi o pioneiro no campo da Astro-Tânato-Genética (ATG).

Aí você me pergunta: é estranho e angustiante saber que vou morrer amanhã? Pra caramba. Mas preciso usar aquele tom de narrador de trailer de filme por causa disso? Provavelmente não. O que não significa que as pessoas não possam se sentir mal por mim. Na minha turma na escola, apenas três alunos estavam destinados a morrer durante o ensino médio, e um deles sou eu. Os outros dois são Ashley Miller, que bateu as botas por conta de uma coisa estranha no cérebro no primeiro ano, e Paolo, meu melhor amigo, que vai morrer vinte e seis dias depois de mim. Coincidência encantadora, não é mesmo? Melhores amigos morrendo com menos de um mês de diferença! Eu também acharia isso se não soubesse que nos tornamos amigos em grande parte por causa dos nossos dias de morte.

Em nossa primeira semana no jardim de infância, lá estava eu, na minha, sentado no cantinho dos livros, lendo uma história sobre um urso que faz um bolo de aniversário para a lua, quando, de repente, noto um carinha meio rechonchudo e todo sorridente espiando por cima do meu ombro (bom, eu também era um “carinha” na época, mas você entendeu). No começo fiquei irritado com aquela intromissão, tipo: *me deixa ler em paz!*, mas então ele disse:

— O urso devia fazer um bolo para a lua no aniversário de morte dela também.

Isso me pareceu a coisa mais engraçada do mundo em todos os sentidos, como se fossem as palavras mais sábias e perspicazes que eu já tinha ouvido (agora não tem tanta graça, mas para um garotinho no jardim de infância foi de matar). (O trocadilho talvez tenha sido intencional.)

Rolamos de rir por um tempão, depois começamos a conversar sobre dias de morte.

— Minha mãe me falou que você é um Prematuro — comentou ele.

Um Prematuro é qualquer um cujo dia de morte seja antes dos vinte e um anos.

— É — respondi, olhando para baixo.

— Eu também! — exclamou ele.

Fiquei todo animado. Nunca tinha conhecido outro Prematuro.

Então, lá estávamos nós: rindo das mesmas coisas e ambos com a mesma sina de morrer antes de sequer nos livrarmos do sistema público de ensino. Se isso não foi o começo de uma grande amizade, não sei o que mais seria.

O celular vibra novamente, e desta vez fico aterrorizado apenas por breves milissegundos.

Está todo mundo falando do seu funeral, diz Paolo. Vai bombar cara! Tomara que você esteja se sentindo bem haha moleque, você estava SURTADO ontem. Que orgulho.

Ou seja, agora posso afirmar com toda a certeza que esta sensação horrível de dor de cabeça/boca seca/mal-estar é uma ressaca. A primeira da minha vida, que empolgante. E bem a tempo.

Não fui à escola nesta última semana de vida, embora pudesse ter parado de ir às aulas muito antes, claro. Mas então só me restaria ficar em casa sozinho, ou com meus pais, quando eles não estivessem trabalhando. Não, obrigado! Pelo menos Paolo também matou aula e me fez companhia nesses dias derradeiros, em parte por ser um bom amigo, mas também em preparação para a própria partida prematura (acabei de lembrar que ele disse que iria à escola hoje para “criar burburinho” e lotar meu funeral).

A maioria das pessoas passa a Semana da Morte fazendo suas atividades preferidas. Para garotos da minha idade, isso frequentemente se resume a uma maratona de loucuras inconsequentes regadas a sexo e álcool. Nada contra, mas isso não faz muito meu estilo, e nunca fui de beber e coisas do tipo. Só os incríveis dons de persuasão do Paolo (“Você não quer nem saber como é?”) conseguiram enfim me convencer a abandonar o plano original de emendar uma sessão de cinema na outra (um de nossos programas favoritos, que até chegamos a fazer no início da Semana da Morte) para ficar na casa dele curtindo a vodca de pêssego, que a essa altura já estava no fim (assim como eu).

Não sei se fico animado ou nervoso com a presença da maioria dos alunos do colégio no meu funeral. Sendo brutalmente franco, acho que as pessoas só estão “falando do meu funeral” porque estão animadas com a possibilidade de faltarem ao oitavo tempo e saírem da aula mais cedo.

Também tem toda a questão Veronica/Taryn. Olha, se isso tem a ver com a tal “amnésia alcóolica” da qual os jovens tanto falam, tenho que admitir que não me agradou muito, não, porque minha intenção era comparecer ao meu funeral sabendo

com quem fiquei, com quem terminei e seja lá o que eu tenha feito de incrível/horrível.

O que exatamente aconteceu ontem à noite? A mãe do Paolo tinha dito que me levaria em casa, para que eu pudesse passar minha última noite garantida de vida na minha própria cama. Meu plano era iniciar o dia do meu funeral — hoje — com uma corridinha matinal para espairecer, o que não vai acontecer. Sem mencionar que minha madrasta deve estar surtando porque dormi fora de casa.

— Dent, já acordou? — pergunta a mãe do Paolo novamente.

— Oi, bom dia — respondo. — Eu, hã, já vou sair.

— Ah!

Então me dou conta de que ela na verdade estava em frente à porta do quarto do Paolo, do outro lado do corredor. Até eu responder do quarto da Veronica. Ops.

— Não sabia que você estava no quarto da Vê, desculpe! — continua ela, alegre e simpática como sempre.

Por que a mãe do Paolo está se desculpendo comigo, se sou *eu* quem está na cama da filha *dela*? Mas aí lembro que minha morte amanhã talvez seja um grande incentivo para as pessoas me tratarem bem no dia de hoje.

— Não foi nada! Só queria, hã... — Encaro a fronha semi-irônica dos Smurfs jogada no chão. Um pouco do meu vômito se acumulou na barba do Papai Smurf. — ... fazer a cama e tal.

— Maravilha. Tenho Tylenol aqui, se precisar.

— Está bem, legal. Valeu, Cynthia.

Cambaleando, eu me levanto, vou até o banheiro, olho para o espelho, não gosto do que vejo, jogo água no rosto, tento vomitar um pouco mais no vaso sanitário, meio que consigo, pego um pouco de papel higiênico, molho, tento limpar o travesseiro da Veronica, meio que consigo, mas decido então tirar a fronha, joga-a no armário, coloco o travesseiro desnudo na cama e faço a

anteriormente citada cama, com uma sensação de vitória quando o edredom cobre os travesseiros, dando a ilusão de que jamais sequer estive lá.

Enquanto contemplo meu trabalho, noto um pedaço de papel no criado-mudo. *Fui para o trabalho*, diz a caligrafia deliciosamente feminina e redondinha da Veronica. *Foi maneiro. Mais ou menos. Por favor, faça a cama. A gente se vê no funeral.*

Sorrio, apreciando as palavras mais gentis que Veronica já dirigiu a mim. Sempre achei que nossas ironias agressivas mascaravam uma afeição genuína e recíproca. Mas eu me engano em relação a muitas coisas. Portanto, é possível que essas palavras, e os nossos amassos, tenham sido puramente fruto de seu sentimento de pena.

E por que não? Também sinto pena de mim. Passei grande parte da minha vida tentando ser um daqueles caras que são *relaxados* e *em paz* em relação a absolutamente tudo, o tipo de pessoa capaz de tirar de letra o que vier, especialmente a morte. Sempre tive orgulho de impressionar as pessoas com minha maturidade e minha tranquilidade. (“Uau, você lida com isso tão bem, é admirável.”) Depois de todas as horas de terapia de morte, passei a achar que, à medida que minha hora fosse chegando, aceitaria tudo ainda melhor — ficaria ainda mais conformado com meu destino. Mas, neste momento, a apenas algumas horas do funeral e com o bilhete da Veronica na mão, não me sinto nem um pouco *relaxado* e *em paz*. Os sentimentos conflitantes se unem à ainda-muito-presente ressaca e sobrecarregam meu corpo. Vomito no edredom da Veronica.

“Amanhã é o dia da minha morte.

Não é tão dramático quanto parece. Desde que nasci as pessoas sabem que amanhã é o dia em que vou morrer. Aí você me pergunta: é estranho e angustiante saber que vou morrer amanhã? Pra caramba.

Mas preciso usar aquele tom de narrador de trailer de filme por causa disso? Provavelmente não.”

Se Denton Little tivesse a mínima ideia do que seu último dia de vida lhe reservava – ressacas, triângulos amorosos, crises de ciúme, armas de fogo e manchas misteriosas pelo corpo –, certamente não estaria tão calmo...



“Engraçado, estranho e dolorosamente sensível.”

Becky Albertalli, autora de *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*

